

A incidência da gravidez no contexto da adolescência contemporânea

Incidence of pregnancy in the context of the contemporary adolescence

Eder Schmidt¹, Lucélia Paula Cabral Schmidt²

RESUMO

¹ Professor Adjunto do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF, Juiz de Fora, MG – Brasil.

² Médica do Serviço de Pediatria do Hospital Universitário da UFJF, Juiz de Fora, MG – Brasil.

Introdução: paralelamente às alterações físicas que lhe são próprias, a gravidez é habitualmente fonte de intensa mobilização afetiva, impondo um rearranjo nas vidas da mulher, do casal e do seu grupo familiar. Ocorrendo durante a adolescência, essa tarefa torna-se ao mesmo tempo mais imperativa e mais difícil. Sendo assim, o aumento verificado nas taxas de gravidez na adolescência concomitante ao decréscimo nas taxas globais de natalidade constitui certamente situação inquietante, inclusive pela eficácia limitada das estratégias tradicionais de enfrentamento das questões de saúde pública. **Objetivos:** estabelecer possíveis vinculações entre os números crescentes de gravidez na adolescência, características próprias desse estágio do desenvolvimento e fatores biopsicossociais da cultura contemporânea. São apresentadas novas expectativas sobre o adolescente, bem como de suas prerrogativas, a partir das quais se pretende responder às questões suscitadas pela atual prevalência da gravidez nessa faixa etária. **Métodos:** foram desenvolvidas reflexões originais apoiadas na literatura disponível sobre o tema, tanto na mídia impressa como eletrônica, além de buscas *on-line* no banco de dados Scielo, no período entre 1995 e 2011, utilizando-se as seguintes palavras-chave: gravidez adolescente; sexualidade adolescente; adolescência. Foram também realizadas buscas manuais com os mesmos objetos. **Resultados:** traçou-se uma comparação entre a maior ocorrência da gravidez na adolescência e o abrandamento das mensagens interditoras junto ao atual padrão consumista da sociedade, estimulando o adolescente a um hedonismo sem limites ou reflexões. **Conclusões:** sem que percebam, adolescentes e adultos estabelecem um acordo tácito em que estes lançam sobre aqueles uma expectativa não explícita de que eles concretizem os ideais de satisfação irreprimida daquilo que o *status* de maturidade lhes coíbe. Nesse arranjo, faltam dispositivos eficazes para ampará-los nos desdobramentos de suas experiências, deixando-os expostos a efeitos que frequentemente se replicam ao longo de suas vidas. **Palavras-chave:** Adolescente; Gravidez na Adolescência; Sexualidade; Cultura.

ABSTRACT

Recebido em: 19/04/2012
Aprovado em: 17/07/2012

Instituição
Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora, MG – Brasil

Endereço para correspondência:
Eder Schmidt
Av. Barão do Rio Branco, 3.231/404
Centro
CEP: 36010-012
Juiz de Fora, MG – Brasil
E-mail: schmidteder@yahoo.com.br

Introduction: Along with physical changes, pregnancy is usually a source of intense affective changes, imposing a rearrangement in the lives of the woman, the couple and the family. Particularly in the adolescence, this rearrangement tends to be harder and more imperative. The increased adolescent pregnancy rates along with decreased birth rates worldwide is definitely a source of concern, particularly because of the limited efficacy of the traditional strategies that exist to face current matters of public health. **Objectives:** To identify possible correlations between increased adolescent pregnancy rates, characteristics inherent to this development stage and bio-psychosocial factors in the contemporary culture. The study shows the new expectations concerning the adolescents, as well as

their prerogatives, to attempt to answer the questions raised with the current prevalence of pregnancy in this age group. Methods: Original reflections are provided drawing on the available literature, both in the press and electronic media, as well as online searches for articles in Scielo databank that were published from 1995 through 2001 and contained the following keywords: adolescent pregnancy; adolescent sexuality; adolescence. Manual searches were also carried out using the same objects. Results: The higher occurrence of adolescent pregnancy was compared with the lightening of the prohibitive messages and the current consuming pattern of the society, which stimulates the adolescents to develop unlimited and irreflective hedonism. Conclusions: Without taking notice, both adolescents and adults make a tacit psychological deal that brings the adolescents to develop an implicit expectation of making real all the ideals of unrestrained satisfaction that will not be allowed in adulthood. This arrangement is followed by the lack of efficient devices to support the adolescents in the unfolding of their experiences, which has effects that usually repeat in the course of their whole lives.

Key words: Adolescent; Adolescent Pregnancy; Sexuality; Culture.

INTRODUÇÃO

Embora não se configure como doença, é inegável o quanto a gravidez é desencadeante de desestabilização na vida da mulher, o que se estende à do casal e da família e impõe o rearranjo dos elementos constituintes dessas vidas. Além disso, desencadeia intensa mobilização psicológica cujos efeitos se confundem com aqueles determinados pelas variações físicas que lhe são próprias.

Psicologicamente, a gravidez é a possibilidade única de fusão entre dois seres em uma completude mítica que se opõe à real condição humana de solidão e falta.^{1,2} Uma vez grávida, a mulher se transforma no continente físico de um outro ser, preenchida por algo que é significativo de sua própria capacidade de criar. Simultaneamente, a imagem de um filho sustenta devaneios de aprimoramento e reparação daquilo que foi insatisfatório no passado, oferecendo, ainda, possibilidade de dar-se prosseguimento à vida a partir desse outro que, sobrevivendo à morte, garante a única forma de continuidade com que se pode efetivamente contar.

Mas, sem dúvida, esse não é um vínculo isento de contradições. Se sobram razões para que seja amado, o lactente é, ao mesmo tempo, aquele que pode vir a desarranjar uma situação estabelecida, seja na relação do casal, seja na vida social, econômica ou profissional de cada um de seus membros, especialmen-

te da mãe. E isso sem que se abandone o pressuposto de uma gravidez saudável em ambiente igualmente saudável, envolvendo um casal com desejo e condições de arcar com um filho. Em outras palavras, uma gravidez planejada, embora ideal, pode-se dizer, está longe de ser o mais frequente.

Se até há algumas décadas o planejamento familiar era algo praticamente impensável, o surgimento dos anovulatórios nos anos 1960 viabilizou o controle da concepção, permitindo que os casais deliberassem mais livremente sobre este tema.

No entanto, alguns fatores culturais acabaram por se contrapor à prática do real planejamento. Em primeiro lugar, o fato de que, mesmo quando o casal elabora planos para a gravidez, controlar a concepção nunca deixou de ser visto, tacitamente, como atribuição da mulher, dependente, portanto, de seu grau de informação e maturidade para conduzir a questão, além, de sua autonomia em relação à possível desinformação e imaturidade de seu parceiro.

Observando a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher realizada em 2006³, uma revelação interessante é a de que, paralelamente aos 26% das mulheres que se submeteram à laqueadura e 27,4% que utilizam contraceptivos orais ou injetáveis, apenas 5,1% dos homens submeteram-se à vasectomia e 13% utilizavam preservativos regularmente como método contraceptivo.³ Quanto à autonomia frente ao homem, portanto, parece que esses números falam por si.

Ao mesmo tempo, enquanto os índices demográficos caem nas famílias de classe média e alta, eles ascendem nas camadas socioeconômico-culturais mais carentes, supostamente com disponibilidade para menor número de filhos.⁴ Ou seja, são justamente os estratos nos quais se supõe menos acesso à informação os que apresentam índices de crescimento mais elevados.

Já em relação à maturidade da mulher e de seu parceiro, um triste contraponto é o aumento da ocorrência da gravidez em adolescentes, não apenas percebido no cotidiano, ou mais nitidamente constatada pelo crescente número de adolescentes nos serviços de assistência pré-natal e maternidade, mas ao mesmo tempo confirmado mundialmente por dados estatísticos. Calcula-se que, a cada ano, mais de 14 milhões de adolescentes dão à luz no mundo. No Brasil, segundo o DATASUS, 68,19% de todas as internações ocorridas com adolescentes do sexo feminino no ano de 2005 foram motivadas por gravidez, sendo que 21,78% dos nascidos vivos foram filhos de adolescentes entre 10 e 19 anos.⁵

OBJETIVOS

O presente artigo busca avaliar possíveis vinculações entre o aumento dos casos de gravidez na adolescência e peculiaridades desse estágio do desenvolvimento que, em se tratando de um dado psicossocial, está condicionado às características da cultura vigente. Fato comum até algumas gerações atrás, a gravidez logo após a entrada na idade fértil mostra aumento na sua incidência justamente em contexto em que é permitido ao adolescente adiar consideravelmente a assunção de suas responsabilidades. Essa aparente contradição é abordada pelos autores à luz das transformações trazidas pela cultura contemporânea quanto às expectativas depositadas sobre os mais jovens, cujas prerrogativas se tornaram, de algumas décadas para cá, objetos de condescendência por parte dos adultos.

MÉTODOS

Os autores desenvolveram reflexões originais apoiadas na literatura disponível sobre o tema, tanto na mídia impressa como eletrônica. Foram realizadas buscas *on-line* no banco de dados Scielo, no período entre 1995 e 2011, utilizando-se as seguintes palavras-chave: gravidez adolescente; sexualidade adolescente; adolescência. Foram também realizadas buscas manuais com os mesmos objetos.

DISCUSSÃO

Adolescentes grávidas não representam um fenômeno novo. Afinal, durante milênios e até algumas décadas atrás, a faixa etária entre 14 e 19 anos foi considerada bastante adequada à maternidade. Porém, é claro, em contextos socioculturais bastante diversos do atual. Até há bem pouco tempo, a cultura não dirigia à mulher expectativas para muito além da maternidade, quase sempre uma ocorrência natural dentro de relação referendada pelo Estado e pela Igreja. Uma consulta às estatísticas oficiais mostra que, no início do século XX, mais de um terço das mulheres com idade até 19 anos eram casadas⁶ e, no censo de 1950, mais de 80% das mulheres acima dos 10 anos foram profissionalmente referidas às “atividades domésticas não remuneradas e atividades escolares discentes”.⁷

Uma vez que os casamentos precediam os nascimentos, de maneira geral a vida a dois era prevista e preparada, mesmo nos estratos mais modestos. Além disso, não havendo meios de controle da natalidade, supõe-se que as gravidezes ocorriam de maneira semelhante nas diversas faixas etárias férteis e ativas sexualmente.

Houve, porém, importantes mudanças no padrão reprodutivo no Brasil, em primeiro lugar em razão do processo de urbanização da população, que impôs a necessidade de se limitar o número de membros da família adequando-a ao *modus vivendi* das cidades. Como desdobramento, assistiu-se à permeabilidade progressivamente maior das mulheres à ideia de planejamento familiar, com mais acesso aos métodos contraceptivos.⁸ Ao mesmo tempo, a gradual incorporação da mulher à força de trabalho e gradativa ampliação de sua participação nas profissões trouxeram, como consequência, cobrança de desempenho que a obrigou à extensão de sua escolaridade.

O fato é que, ao longo das décadas, a natalidade no Brasil vem atingindo taxas cada vez mais baixas. Em 1940, a mulher brasileira tinha 6,2 filhos, em média, caindo em 1970 para 5,8 filhos; 30 anos depois, no censo de 2000, essa média era de 2,3 filhos, com taxa de natalidade de 21,2/1.000.⁹

Mudou o padrão reprodutivo e mudaram-se também as expectativas da sociedade em relação aos jovens. A eles vem sendo concedido período de dependência progressivamente estendido para muito além da maioridade legal, ao mesmo tempo em que cada vez mais são destacadas e valorizadas suas necessidades e conveniências. Nesse novo cenário, não há como olhar para a gravidez nessa faixa etária com naturalidade. Trata-se, inegavelmente, de profunda ruptura com a cultura que propõe adiamento cada vez mais do início da vida de responsabilidades, bem como do início do período reprodutivo.

Além disso, se a baixa idade das mães já foi a regra, preocupa o fato de que, em meio ao declínio global das taxas de fecundidade, a exceção é o seu crescimento entre as mulheres mais jovens, fenômeno observado principalmente nas regiões com menos desenvolvimento socioeconômico-cultural.⁹ Em 1994, 0,68% dos partos no Brasil foi de mães na faixa entre 10 e 14 anos; em 2005 o aumento foi de 0,9%, chegando a 1% em 2007, com avanço de 42% nesses 13 anos.¹⁰⁻¹² No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IBGE/IPEA), só em 2006 a taxa de fecundidade adolescente cresceu 0,14 nas classes socialmente mais vulneráveis.¹²

Nesses estratos, a elevada incidência de gravidezes envolvendo mulheres e homens muito jovens acaba por fomentar alguns dos traços dramáticos do cotidiano das cidades. Isso porque, desamparados pela família e pelo Estado, para a sobrevivência própria e a de seus filhos, pode não lhes restar alternativa senão o recurso de expedientes marginais muitas vezes apoiados na violência, organizando-se em grupos igualmente à parte da rede de apoio social, componentes da assim dita “população de rua”, de onde surgem novas gestações, precoces e desamparadas, que realimentam todo o ciclo da miséria urbana.¹³

Ainda que o desfecho não seja tão extremo, sendo na maioria das vezes gravidez não planejada ou mesmo não desejada, nem sempre a mãe é poupada de entraves na manutenção ou aquisição de qualidade de vida satisfatória, especialmente nas camadas mais carentes. Observou-se que, na sequência da gravidez adolescente, apresentam-se diversas ocorrências, sejam obstétricas, sociais, relacionais ou psicológicas, implicando menos progressão escolar e profissional, em desemprego ou subemprego e relacionamento instável com o companheiro, levando a separações ou a relações tumultuadas.⁵

Considerada pela Organização Mundial de Saúde como gravidez de alto risco, é frequente sua associação com a alta incidência de prematuridade e com recém-nascidos de baixo peso. Vários autores, entretanto, discordam quanto às razões para tal associação. Se, por um lado, há aqueles que a creditam fundamentalmente à imaturidade biológica da mãe¹⁴, para outros as razões estariam no conjunto de fatores desfavoráveis que a gravidez adolescente costuma aglutinar^{15,16}. Para esses, surgindo com frequência devido à conjuntura disfuncional na vida da jovem, são mais amplas as possibilidades de acompanhamento pré-natal ausente ou escasso, o que se constitui na verdadeira causa daqueles riscos.

Além disso, a gravidez não desejada implica menos vinculação afetiva ao conceito, o que também afeta os cuidados pré-natais, aumentando os riscos já citados. Segundo Pedraza¹⁷, ao ter que lidar com seu estado, a noção da gravidez aparece, para a adolescente, desvinculada da noção da existência do bebê, que ela considera uma realidade apenas a partir do nascimento. Isso compromete seu investimento na assistência pré-natal, percebida, no máximo, como interesse dos que estão ao seu redor, mas, para ela mesma, sem sentido.

Para fazer frente à questão da gravidez precoce, o Brasil implantou política de esclarecimento sobre a

sexualidade paralelamente a mais acesso aos mecanismos de controle da gestação, envolvendo diversos setores do governo, conseguindo, realmente, redução nas suas taxas de crescimento.¹² No entanto, os resultados obtidos com essas campanhas têm se mostrado aquém do necessário e continua preocupante o número de gravidezes em jovens, especialmente naquelas em situação de mais vulnerabilidade social. Tornase, então, oportuna a reflexão sobre alguns pontos da própria condição adolescente, que possivelmente se impõem a essas estratégias educativas.¹²⁻¹⁷

Inicialmente, é interessante diferenciar puberdade de adolescência. Entende-se a primeira como um processo biológico representado por um conjunto de mudanças físicas, principalmente hormonais, que, entre outros efeitos, alteram o corpo, aumentam o impulso sexual e dão início à capacidade reprodutiva. Já a adolescência é processo cultural, implicando transformações psicológicas e sociais que alteram o posicionamento do indivíduo ante as obrigações e possibilidades que a cultura apresenta a todos os seus indivíduos.

A clássica “síndrome normal da adolescência”, proposta pelos psicanalistas argentinos Maurício Knobel e Arminda Aberastury¹⁸, lista determinados traços psicológicos e comportamentais como característicos dessa etapa, entre outros, o padrão de passionalidade como são vividas as relações amorosas, a susceptibilidade à influência dos grupos e as dificuldades de referências temporais, com afrouxamento das noções de passado e futuro, o que compromete a avaliação das consequências daquilo que o adolescente faz.

Sabe-se, ainda, que, embora a atitude contestadora seja das grandes marcas dessa transição, sem que aceite ou sequer perceba o jovem é particularmente sujeito a influências que chegam até eles principalmente por meio da mídia. No entanto, percebe-se que a mídia dirigida ao adolescente nem sempre se mostra comprometida com sua real circunstância e a visão de mundo que lhe é enviada acaba por se revelar parcial, enganosa ou oportunista, no que inclui de maneira geral a estética, as prioridades de consumo, as modalidades de vínculo e o erotismo.

Em se tratando de processo cultural, a dinâmica própria da adolescência ganha matizes advindos da contemporaneidade. Assim, o abrandamento das mensagens interditoras e o padrão consumista característicos da sociedade atual se transformaram em determinantes privilegiados do modelo da sexualidade adolescente.

Cotet¹⁹ entende que para esse grupo a sexualidade incorporou o modelo consumista que rege a sociedade contemporânea. Segundo ele, a mídia propõe ao jovem o modelo de vida erótica em que o objeto de relação possui as mesmas características do objeto de consumo: algo a ser possuído e descartado, dando lugar a novo objeto, a ser também possuído e descartado, em movimento puramente hedonista.

Mas há um outro lado da questão. Obrigado ao abandono gradativo dos privilégios oferecidos à criança, o adolescente é apresentado às prerrogativas do adulto, às suas expectativas de satisfação. É necessário, no entanto, lembrar que, para o adulto, se o pressuposto de maturidade viabiliza uma pretensa autonomia para a busca de suas satisfações, essa mesma maturidade é conceituada e aferida pela dimensão das renúncias referentes a modelos de satisfação. A entrada na faixa adulta obriga à submissão a normas que balizam o desejo e, conseqüentemente, dão margem a sonhos. O problema é que é próprio do ser humano resistir a abrir mão de qualquer possibilidade de satisfação, ainda que em troca possa adquirir outras, que, no caso, nem tão sólidas assim se mostram.

Nesse arranjo, afirma Calligaris²⁰, o adolescente é convocado a realizar os sonhos adultos de satisfação em sua forma mais livre. O autor observa que até a metade dos anos 60 o ideal adolescente era a idade adulta, ser aceito e reconhecido como tal. No entanto, de algumas décadas para cá a rebeldia adolescente foi encampada pelos mais velhos e a adolescência tornou-se ideal social necessário aos adultos como possibilidade de realização projetada daquilo que o pressuposto de maturidade já não mais lhes permite.

Paradoxalmente, a revolta contra o modelo adulto implica subordinação a esse mesmo modelo. Justamente ao tentar impor sua pretensão de liberdade, o adolescente se torna a encenação do ideal cultural de desprendimento das imposições que obrigam o adulto ao abandono inconformado de seus desejos. Numa aparente contradição, as escolhas adolescentes realizam sonhos adultos, o que leva o autor a indagar se a adolescência não existiria para a contemplação preocupada, sim, mas complacente por parte dos mais velhos.²¹

Tem-se aí algo do adolescente contemporâneo: um indivíduo caracteristicamente passional, impulsivo e pouco capaz de avaliar realisticamente os desdobramentos de seus atos. Alguém envolto pelas alterações hormonais próprias do seu desenvolvimento e em meio a turbulências emocionais inerentes ao processo que

atravessam. Inserido em cultura na qual o erotismo se destaca como determinante privilegiado dos vínculos que se estabelecem, é confrontado com parâmetros interditores ambíguos e mal definidos. Ao mesmo tempo, encontra-se sob a influência de uma mídia que veicula mensagens enganosas sobre suas possibilidades, mensagens essas que, sem que perceba, o conduz ao papel de realizador autorizado de modelo de liberdade vetado a adultos. Estes, por sua vez, contemplam a inseqüência adolescente com preocupação, mas também com complacência efetiva, embora não assumida.

CONCLUSÃO

Naturalmente, a atividade sexual tornou-se dado precoce no cotidiano adolescente, mas em padrão que combina as particularidades da adolescência e da cultura contemporânea, o que, por uma via ou por outra, contribui para que as precauções em relação à gravidez acabem sendo desconsideradas.

A gravidez nessa faixa etária constitui, sem dúvida, quadro inquietante, em grande medida por se tratar do reflexo da cultura que incita o adolescente ao hedonismo sem limites ou reflexões, mas não se ocupa com dispositivos eficazes para ampará-lo no confronto com seus desdobramentos.²¹ Ou mesmo amparar os frutos dessas circunstâncias: as crianças que nascem. Elementos mais importantes de todo esse drama, constituem o ponto final das implicações da precocidade da gravidez e potenciais multiplicadores de seus efeitos. Contrapondo-se aos devaneios reparadores do passado de seus pais, torna-se determinante involuntário de importantes desvios nas expectativas de suas vidas, sobrecarregando histórias com frequências já suficientemente difíceis. Fazendo parte de grupo de crianças mais sujeitas a maus-tratos do que outras entre a população geral²², partilham da condição de desamparo que frequentemente os antecedeu, experimentando de maneira dramática a condição humana de solidão e falta que em outro panorama lhes caberia atenuar.

REFERÊNCIAS

1. Maldonado MT. Psicossomática e obstetrícia. In: Melo FJ, Organizador. Psicossomática hoje. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992. p.208-14.
2. Pasini W. Aspectos psicossomáticos em obstetrícia. In: Haynal A, Pasini W. Medicina psicossomática. São Paulo: Masson do Brasil; 1983.

3. Brasil. Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher 2009. Brasília: MS; 2009.
4. Cavasin S. Dossiê Adolescentes: Saúde Sexual e Reprodutiva. [Citado em 2010 jul 30]. Disponível em: <http://www.redesaude.org.br/Homepage/Dossi%EA/Dossi%EA%20Adolescentes%20Sa%FAde%20Sexual%20e%20Reprodutiva%201.pdf>
5. Cruz B, Rangel L. Brincar de ser mãe: riscos de uma gravidez precoce. [Citado em 2010 dez 23]. Disponível em: http://www.olharvital.ufrj.br/2006/?id_edicao=164&codigo=4.
6. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. Anuário Estatístico do Brasil. [Citado em 2011 dez 10]. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/AEB/AEB1908_1912v1.pdf
7. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE. Anuário Estatístico do Brasil Ano XI- 1950. [Citado em 2011 dez 16]. Disponível em: <http://memoria.nemesis.org.br/pub/90000/90000012r.pdf>.
8. Ramos LR, Veras RP, Kalache A. Envelhecimento populacional: uma realidade Brasileira. Rev Saúde Pública. 1987; 21(3):211-24.
9. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. Fecundidade, natalidade, mortalidade. [Citado em 2011 dez 18]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/fecundidade.html#anc3>.
10. Rede Internacional de Informações para a saúde. Comentários Sobre os Indicadores de Morbidade e Fatores de Risco Até 2006. [Citado em 2011 dez 27]. Disponível em: http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2008/Com_D15.pdf.
11. Brito MRV. Gravidez na adolescência: a realidade numérica. [Citado em 2011 dez 22]. Disponível em: <http://www.feminal.com.br/2010/03/gravidez-na-adolescencia-a-realidade-numerica/>.
12. Brasil. Ministério da Saúde. Saúde do Adolescente e do Jovem. [Citado em 2011 jun 29]. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=33728&janela=1.
13. Scappaticci A, Blay SL. Mães adolescentes em situação de rua: uma revisão sistemática da literatura. Rev Psiquiatr RS. 2010; 32(1):3-15.
14. Fraser AM. Association of Young Maternal Age with Adverse Reproductive Outcomes. N Engl J Med 1995; 332:1113-1118. [Cited 2010 ago 02]. Available from: <http://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJM199504273321701#>.
15. Aquino EML, Heilborn ML, Knauth D, et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. Cad. Saúde Pública. 2003; 19(sup.2):S377-S388. [Citado em 2010 ago 09]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000800019&lng=en&nrm=iso.
16. Gripp GBM, Barros Filho AA. A gravidez na adolescência é fator de risco para o baixo peso ao nascer? (Brasil). In: Rev. chil. pediatr. 2000; 71(5): 453-460. [Citado em: 2010 ago 25]. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0370-41062000000500016&lng=es.
17. Pedraza JM. El embarazo en adolescentes: una experiencia impensable. [Citado em 2009 set. 14]. Disponível em: <http://www.fort-da.org/fort-da8/pedraza.htm>.
18. Aberastury A, Knobel, M. Adolescência normal. Porto Alegre: Artmed; 1981.
19. Cottet S. El sexo débil de los adolescentes: sexo-máquina y mitología del corazón. [Citado em: 2011 dez 18]. Disponível em: <http://virtualia.eol.org.ar/017/index.html>.
20. Calligaris C. Adolescência. São Paulo: Publifolha; 2000. 58 p.
21. Verges C. Programas de educación sexual en Panamá. Acta bioeth. Santiago, jun 2007; 13(1): [Citado em: 2010 ago 09]. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1726-569X2007000100010&lng=es&nrm=iso.
22. Ribeiro Eleonora RO et alli. Comparação entre duas coortes de mães adolescentes em município do Sudeste do Brasil. In: Rev. Saúde Pública. São Paulo, 2000 Apr; 34(2) [Citado em: 2012 jan 24]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102000000200200006&lng=en&nrm=iso.